

A cultura do hiper-real: expressionismo e pós-modernidade na mídia

Artur da Távola

*O PEIXE
Cego e sagaz
tudo vê e nada sabe.
Mudo e falaz
é lâmina sem espada,
folha elegante de matéria
do abissal silêncio onde reina sem querer*

*O peixe cumpre rituais
que desconhece.
Pecilotérmico,
é faca, escama, escuna
de peso levantado e fléxil.
Respiração sem ar.*

*O peixe escamoteia a inércia
e re-inaugura
a gratuidade do movimento
que o conduz à não direção
onde se esconde, copula,
e consome o invisível.*

Artur da Távola, 8/12/96

Há que buscar não apenas a compreensão mas o estudo de todos os efeitos da influência de três contemporaneidades na comunicação de massas: o **expressionismo na forma**, o **hiper-realismo no tratamento** e a **pós-modernidade nos comportamentos**, tanto os que reflete quanto os que acentua.

Em certa medida, **expressionismo**, **hiper-realismo** e **pós-modernidade** são três aspectos da mesma realidade, a que emergiu na **arte antecipatória das primeiras décadas do século vinte** e lentamente fez-se verdade no sentimento, no comportamento e, depois, na inteligência. **A pós-modernidade é uma síntese de todos os conteúdos da contemporaneidade**. Possui um sentido amplo que pervade a sociedade como um todo. **Vai além dos limites da comunicação de massas**. Esta, dentro da pós-modernidade, opera através do **expressionismo na forma** e o **hiper-realismo no conteúdo**. **Expressionismo e hiper-realismo são a**

sua sintaxe ao mesmo tempo que a sua semântica.

Cabe, preliminarmente, **analisar causas** profundas da emersão, ao nível das massas, tanto do expressionismo quanto do hiper-realismo, movimentos da mesma natureza na história da arte embora exteriorizados formalmente de modos distintos. Ambos representam *cortes epistemológicos* na relação da arte com as formas românticas e sentimentais de expressar a realidade e acumulam revoltas, igualmente, contra os *domínios da razão* e o *império da racionalidade ou do pensamento*.

O **sentido de força superior do expressionismo** e do hiper-realismo, consiste em **ultrapassar a dualidade razão x sentimento; idealismo x realismo**; Apolo x Dionísio; Florestan x Eusebius, dualidades clássicas do pensamento humano e das formas de expressão artística representativas dos **padrões** até então **considerados básicos da contradição humana**. São emersões de formas intensas de sentir, sim, porém não condicionadas pelo sentir como ato primeiro, típico das formas românticas. Trata-se, aqui, de *um sentir oriundo da capacidade de compreender ou proveniente da vivência intensa de verdades emotivas filhas diretas da crítica ao homem, à sociedade e ao mundo*. Sem ser pura racionalidade, utiliza-se de formas agudas de inteligência e sem ser apenas um sentimento, representa modos fundos de expressar a **sensibilidade humana** diante dos horrores da existências. Hiper-realismo e expressionismo, pois, não vivem a dualidade razão x sentimento. Mesclam-na sem a fundir. Estes dois estilos, ou formatos, ou interpretações do real, representam o estado de alerta permanente do espírito, o mesmo estado de alerta diante do qual vivem as nações ameaçadas pela guerra atômica ou pelas hecatombes hoje possíveis senão prováveis.

A forma e o conteúdo expressionista e hiper-realista, predominantes na comunicação contemporânea, derivam de algumas realidades intuídas por artistas quando, ao princípio do século e exclusivamente como vanguarda, irromperam contra a visão romântica da arte e da vida, e o predomínio da razão.

O expressionismo

Movimentos como o **dadaísmo**, o **expressionismo** e o **surrealismo anteciparam posteriores verdades culturais, econômicas e políticas**. Eles não contrariavam a ordem dominante na arte e na sociedade. Iam mais longe: derrogavam-na, buscando não o seu oposto mas instâncias absolutamente novas, criativas, filhas do acaso, do mistério e das zonas de sombra da mente e da sensibilidade.

O **dadaísmo**, por exemplo, proclamou um dogma que se tornaria verdade algumas décadas depois, não apenas na arte, mas em todo o **processo da comunicação humana**, *simbolizado*, aliás, de modo cabal e completo na emersão do **rock** como *manifestação típica da contemporaneidade*. *Diziam os dadaístas que a arte só aparece onde não há vida*. Quando esta surge, aquela desaparece, razão pela qual não viam qualquer importância ou “aura” na obra de arte, iniciando o **processo de sua dessacralização** que iria desaguar nas **formas contemporâneas de operar a comunicação de massas**, com venho dizendo, **dominadas pelo expressionismo e pelo hiper-realismo**. O pintor e escultor Hans Arp, dadaísta, dizia: *“Dadá visou destruir as razoáveis ilusões do homem e recuperar a ordem natural e absurda. Dadá quis substituir o contra-senso lógico dos homens de hoje pelo illogicamente desprovido de sentido (...) Dadá é desprovido de sentido como a natureza. Dadá é pela natureza e contra a arte”*.

Tratava-se de retirar a arte do âmbito da ordem, da simetria, da razão e até da beleza, para colocá-la no terreno imponderável da intuição, do sonho, do inconsciente, da loucura e da desordem criativa, liberta e corajosa. Ali se **gestavam** posteriores **realidades transformadas em fatos sociais, políticos, humanos e científicos**, entre outros: a psicanálise, o computador, a fissão atômica, a mecânica quântica, a megalópole, a possibilidade de destruição da vida, o armamento nuclear, as macro-organizações, a sociedade industrial, a sociedade pós-industrial, o som estereofônico, o *laser*, o bit eletrônico. Quando este e outros fatos, de tamanho e valor descomunais, passaram

a constituir a existência quotidiana de povos e nações, o que antes era antecipação, intuição, percepção de caminhos traduzidos de forma precoce através da arte, passou a ser elemento concreto da vida diária e do susto permanente de cada um. E **o que antes era apenas um movimento de vanguarda no campo específico da arte gradualmente passou-se para o comportamento e para as formas de sentir, manifestar e expressar a individualidade e daí para a comunicação. O expressionismo e o hiper-realismo formulados como modelo existencial e estético das massas vieram para o primeiro plano da vida, onde se encontram, em pleno apogeu neste final de século XX. Tais correntes culturais uma vez tendo ascendido, passaram a ser adotadas como modelos de vida, caracterizados como um todo pela pós-modernidade e, no campo da comunicação, pelo predomínio do expressionismo e do hiper-realismo tanto nos mídia como na sociedade e na sensibilidade dos nascidos após os anos, em mútua e constante influência, interagindo.**

Embora o **expressionismo** não tenha

compromissos com o real visível ou aparente e mergulhe na sua profundidade emotiva (existe, como se sabe, o expressionismo abstrato), possui grande **afinidade com o hiper-realismo**. Um, se serve da denúncia através de um alteração do real aparente. Outro, faz a mesma coisa destacando algum aspecto gritante do real aparente e com a linguagem deste opera a “denúncia” expressionista. Neste movimento, o móvel principal de sua razão de ser está na ênfase emotiva como fator de denúncia, retirando a manifestação artística da passividade oriunda da beleza, da harmonia ou da simetria, valores em voga até o seu surgimento há pouco mais de cem anos.

De todas as manifestações da comunicação de massas contemporânea poucas se igualam na universalização da linguagem expressionista como o rock e o clipe, ligados, aliás, por motivos mercadológicos. A cada dia, **os espetáculos de rock** esforçam-se por se transformar em gigantescos clipes ao vivo, com a mesma **linguagem da fragmentação e das unidades significantes por seu valor emotivo, por**

seu teor de denúncia, por seus esgares de repúdio a todas as formas racionais de comportamento e pela explosão de inúmeros conteúdos mitológicos.

O hiper-realismo

O lema do **hiper-realismo** pode ser sintetizado na frase que alguém certa vez usou para defini-lo: “*Mais verdadeiro que o real.*” Ele acrescenta maior precisão e nitidez, mais força e expressão ao que está sendo focalizado, enquadrado.

Ao mesmo tempo em que faz a realidade aparecer mais próxima do espectador, aumentada por lentes, aproximações e destaques, o hiper-realismo aumenta a estranheza e insere um elemento provocador de reações, sem se afastar do real mas tornando-o maior do que é, simulando, inclusive, ser ele a expressão da realidade total e construindo uma linguagem na qual o recurso da ênfase se transforma no próprio discurso.

Distorce o real sem dele se afastar.

O hiper-realismo transforma em lin-



guagem o que é recurso, como a **ênfase**, por exemplo. **Recria o real** através dele mesmo, **sem reproduzi-lo** mas se utilizando de seus elementos para a **criação de uma instância própria**, de alta expressividade e participação embora pareça relatar o acontecido de modo imparcial (sob a capa da objetividade informativa). **É um método de exagerar as conseqüências do real baseando-se nele mesmo e em nenhuma subjetividade, a não ser a do olhar e do discurso de quem o enfocar com lentes de aumento e com alto grau de detalhamento e diferenciação**. Este expediente perverso, penetrante e disfarçado, destaca o real de si mesmo e da generalidade onde vive e se dilui, fazendo-nos supor ser o real focalizado a única ou “a melhor” expressão do real. **É um estratagema de força transfiguradora pois utiliza**, além do próprio real, a **verossimilhança** e a **meia-verdade** unindo-as num todo coerente, verdadeiro e ao mesmo tempo ilusório. É a mais penetrante e sutil forma de denunciar porque só é subjetiva no momento da escolha da objetividade destacada. Ou, no dizer de Karin Thomas: *“A temática fundamental do hiper-realismo é a ilusão da realidade e a realidade da ilusão”*.

O **hiper-realismo**, caracteriza-se por ser a **linguagem encontrada**, primeiro na **literatura** e, logo depois, na **comunicação**, para **expressar a perplexidade contemporânea**, de um modo que aparente advir de uma (necessária) objetividade, embora seja comandado por extrema subjetividade e tal não demonstre.

Representa a superação, por incorporação, de todos os avanços ocorridos na arte do século vinte, quando começou a derruir instituições clássicas como a figura, a melodia, a harmonia, a imediatez, a cópia, a simetria, o consciente. Movimenta-se, porém, com elementos fortes de convicção porque baseados na ordem real e encadeados pela razão apesar do conteúdo meramente emotivo de sua natureza. **Disfarça-se de objetiva para poder ser intensamente subjetiva**.

Frase de Howard Kanovitz (um dos pioneiros do novo realismo norte-americano): *“Tudo é como é, e, sem embargo, é diferente de como se nos parece”*.

Poderoso e forte, o hiper-realismo tanto perturba quem o exerce como quem recebe suas mensagens. Possui a mesma força transfiguradora das demais demolições do pós-modernismo, *des-estruturando, des-*

organizando, des-arrumando, des-belezando, des-ordenando, a operar o mergulho nas densidades humanas através não mais de algum instrumental isolado mas de todos os recursos intelectuais disponíveis no fim do século XX. *Ele é transintelectual*. Serve-se por igual de escolas de pensamento e de interpretação da realidade que, antes dele, viviam da oposição entre si. **Ele opera com a igualdade que subjaz nos antagonismos**. Assim, por exemplo, não opõe teorias do inconsciente às do consciente; não opõe intelecto e sentimento, forma e conteúdo, eros e psiché, capital e trabalho, socialismo e capitalismo, psicanálise e marxismo, fê e ateísmo. Opera de modo integrativo, plural e não sectário, com todo o variado instrumental existente, eliminando as formas sectárias de conceber a vida, a política, a ciência, a arte e a religião.

Isso não quer dizer que todas as pessoas que o exercem estejam libertas de seus sectarismos pessoais. **Justo nesse ponto incide a matéria da presente reflexão: sobretudo na comunicação, a força transfiguradora do hiper-realismo muita vez disfarça ou o propósito dos sistemas ou o dos comunicadores, de impressionar, não para informar ou relatar mas para influenciar**.

Na grande maioria dos casos, com a aparência da informação objetiva ou mesmo através da informação objetiva, o **hiper-realismo conduz o público às convicções desejadas pelo emissor**, através da maneira pela qual este apresenta os fatos.

A presença do hiper-realismo tanto no excursão como no incurso da comunicação, parte direta (e diletta) do espetáculo da notícia (ou da notícia como espetáculo), gera um dos mais difíceis problemas da comunicação na pós-modernidade: o de como exercê-la de modo democrático e o de como subordiná-la a princípios éticos compatíveis com a força expressiva dos recursos hoje disponíveis. A dificuldade de comandar este processo é tão grande que dele não se dão conta seus principais responsáveis, havendo como que uma forma de aparente esquecimento do problema, quando não, de negação. Melhor não contemplar a dificuldade de informar fora do **recurso hiper-real** quando este é o **componente principal da linguagem dos mídia, forma de poder em mão do emissor** e forma igualmente desejada (ainda que de modo inconsciente) pela platéia entediada a necessitar de cada vez mais vigor na “realidade” para que possa contemplá-la livre de seus efeitos pelo menos enquanto dela

se desliga por intermédio do consumo das emissões dos meios de comunicação, principalmente os eletrônicos.

Como conseqüência da adoção do hiper-realismo como linguagem da comunicação informativa, alguns elementos passam a se confundir: **ficção e realidade; banalização da violência e repúdio à violência; evasão e participação; lazer e conscientização; alienação e militância**.

Do ponto de vista cultural, ainda não pode ser devidamente avaliado o resultado do bombardeio sistemático de mensagens expressionistas nos *shows* e nos cliques hiper-realistas nos noticiários, telenovelas e algumas séries filmadas, tanto as infantis como as destinadas ao adulto, criança de todo o dia. Sem dúvida, porém, o homem contemporâneo sofre uma nova ambigüidade a partir desse processo: **alarga os condutos de sua consciência e sensibilidade enquanto, ao mesmo tempo, aumenta a possibilidade de ser condicionado a pensar segundo o que desejam os comunicadores ou os que estabelecem estratégias por trás (e até por dentro) deles**.

O poder contemporâneo de uma manchete de jornal, de título de matéria, de determinada foto ou de **imagens** como texto num telejornal, conforme a ênfase emotiva de sua construção, tanto podem operar o alargamento dos condutos sensoriais e sensíveis quanto conduzir às conclusões desejadas pela ditadura oriunda do modo sedutor de apresentação das informações. Ao operar com o **“real como ilusão”** e com **“a ilusão como real”**, os **comunicadores hiper-realistas da contemporaneidade, desenvolvem mecanismos cada vez mais evoluídos no sentido de obterem, não a persuasão pela adesão consciente e livre do receptor da comunicação mas o convencimento pela paralisação tanto da faculdade de exercer uma leitura de envoltimentos conducentes aos caminhos desejados pelo emissor**.

Quanto mais o receptor se torna participante, graças ao desenvolvimento das pesquisas sociológicas, **mais se torna passivo e fácil em função dos envoltimentos convincentes do real quando fragmentado, aumentado e intensificado para efeitos de compor a linguagem da notícia como espetáculo**.

Quando conteúdos de natureza artística entram, disfarçados e ocultos no modo de informar, algo de muito intenso estabelece-se na comunicação entre emissor e receptor, atenuando-se os **mecanismos**

de leitura crítica. Vigora, então, vitoriosa, a idéia de que o que é parte explica o todo, paralisando-se a possibilidade de **exercício dialético do receptor sobre a mensagem** e amplificando, de modo perigoso, o poder de todos os que detenham parte no processo da comunicação.

O velho aforismo de que nada está no intelecto que antes não tenha passado pelos sentidos é mais real que nunca hoje em dia. Melhor dito: é hiper-real...

Conclusão

O hiper-realismo é o falseamento, a dissimulação ou a “mentira” da verdade. Utiliza elementos verdadeiros não para “mentir” no sentido corriqueiro da palavra mas para obter determinado resultado “pré-tendido”. Tal resultado, **por vezes ultra-passa o controle do emissor e obtém reações maiores que as esperadas porque a mensagem hiper-realista carrega conteúdo dos emotivos nem sempre sob controle do emissor e do receptor.** Este encontra na **emissão hiper-realista**, uma espécie de **potencialização** de sentimentos, impressões e percepções que já possuía em estado latente, pré-consciente ou mesmo cons-ciente em plano superficial.

Sendo um corte na realidade, uma de suas fatias, para efeito de destacar o aspecto pretendido, **o hiper-realismo informativo opera com instâncias como: a meia-verdade, a aparência, o indício, o sintoma, sem análise crítica de cada plano destes.** A **informação** passa a buscar uma lógica encadeadora desses aspectos. Esta lógica dá coerência aparente à emissão, **inteligibilidade mas cria uma realidade própria a partir da notícia.** Tal **realidade própria** tem a ver com a realidade, porém **não se pode dizer que é a realidade.** Esta é sempre mais **complexa** que qualquer das suas **representações.** Trata-se de uma **nova aparência** da realidade tomada pelo **ângulo de ênfases selecionadas pelo comunicador.**

Hoje, mais do que nunca, os meios de comunicação desenvolvem técnicas (em permanente expansão) de **apresentação da notícia como espetáculo.** As regras do espetáculo, quase sempre nutridas na experiência da ficção, transmitem-se à informação, modelando-lhe o resultado através de uma intervenção na sua forma e a manipulação de seu conteúdo.

A notícia como espetáculo utiliza elementos retirados da dramaturgia e da publicidade. Esta, quase toda **vazada em linguagem supra-real** (surrealista por

vezes) ou **hiper-real**, acostumou o público a “ler” mensagens ao mesmo tempo imediatas e intensas. O hiper-real aparece na presença superlativa das “qualidades” anunciadas.

Da dramaturgia, a notícia como espetáculo herdou inúmeros elementos: a tensão dramática, os estados extremos do ser, os esgares, as ambições primárias trazidas ao primeiro plano do comportamento, a identificação com heróis ou vilões, a simbologia do “bem” e do “mal”, a busca do instante transfigurador, resultante do máximo de alegria ou de dor, a intensidade de rostos em “close up”, a extroversão dos impulsos básicos do ser e dos instintos, os códigos da moral vigente e os códigos da sua transgressão etc.

A perversidade desse processo, acaba por transformar-se de recurso em linguagem e, de modo imperceptível, redatores, editores, fotógrafos, câmeras, repórteres transformam-se em dramaturgos e/ou publicitários empenhados nas **ênfases dramáticas** ou nas **exacerbações “vendedoras”.** E quase nunca dão-se conta de que tal, com eles ocorre. Acabam por acreditar de tal forma na eficácia de seu processo informativo que, dele, se tornam multiplicadores e em muitos casos, **professores de informação hiper-real.**

O conjunto de transformações hiper-reais, diariamente disseminadas, durante anos sobre a população, acaba por gerar um receptor da comunicação identificado com emoções intensas, extremas, dogmáticas, depressivas, exaltadas ou maníacas. Tais **emoções do receptor realimentam o emissor** que, por sua vez, aprofunda a natureza emotiva diluída na objetividade aparente da informação, processo incontrolável e crescente de **mútuas influências.**

A comunicação acaba por ser dominada pelo **processo hiper-real** e dentro deste surge um universo de ênfases, acentuações, hipóboles, intensidades. **A contemporaneidade vive, vibra e sente dentro desse universo.** Ele constitui o meio ambiente onde se formam os padrões culturais e comportamentais da pós-modernidade.

Uma série de ações, reações e comportamentos hoje se consideram inexplicáveis ou inaceitáveis porque são analisados e vividos por pessoas e por analistas que desconhecem (ou não aplicam) **os códigos do expressionismo, do hiper-realismo e da pós-modernidade.** Ainda predomina na sociedade e na maioria dos meios intelectuais a **utilização de conceitos aplicá-**

veis à modernidade e seu cortejo de racionalidades, jamais à pós-modernidade e seu cortejo de acasos e de desestruturações.

Igualmente **entre o público receptor, generaliza-se a atitude hiper-real**, presente em roupas, gestos, atos e comportamentos diariamente recebidos via **bombardio informativo.** Nessa atitude, insere-se a **cultura do hiper-real e a sensação de se viver** no intenso clima por ela caracterizado, o de **seres em estado limítrofe**, permanentemente excitados ou exaltados, seres sensoriais, fragmentados, não verbais, instintivos, em estado de permanente revolta, implosão ou denúncia, **disfarces** do estado depressivo que se torna o **grande sinal de uma existência arrancada da normalidade, do bom senso, da plausibilidade.**

Vivemos o momento da normalidade como exceção e do equilíbrio como alienação.

Artur da Távola (Paulo Alberto Artur da Távola Moretzsohn Monteiro de Barros)

• *jornalista, escritor, advogado, professor, atualmente Senador da República, nasceu no Rio de Janeiro, onde estudou, formou-se em Direito pela PUC, realizando, paralelamente sua experiência jornalística em jornal e rádio.*

Nota

O presente texto foi apresentado no Congresso Internacional realizado em Barcelona, Espanha, 1993.

Posteriormente dei ciência ao Parlamento brasileiro das idéias defendidas na tese apresentada. Ela tem, de certa forma, a ver com a política, pois o noticiário desta especialidade está impregnado dos conteúdos hiper-realistas que caracterizam, ademais, as informações em todos os meios de comunicação através de seus quatro temas básicos: a política, o esporte, arte e artistas, o crime.

As formas contemporâneas de utilização da notícia, não apenas como informação mas, de modo crescente, como espetáculo, herdando as regras dramáticas deste, constituem o núcleo de preocupação do presente estudo ora apresentado à consideração de pessoas interessadas e capazes de analisá-lo com maior profundidade para ampliar a reflexão do próprio autor.
